

Revista Potência
Período delicado
Ano 10 nº98

AVANÇO DAS IMPORTAÇÕES E EFEITOS DA MP 579 CRIAM DIFICULDADES PARA O SETOR DE GERAÇÃO, TRANSMISSÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA.

Dois mil e treze foi bastante crítico para o setor elétrico. O resumo é de **Cláudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**, ao destacar que nesse ano foram percebidas "graves consequências" que teriam sido geradas a partir da publicação da Medida Provisória 579, além de outras MPs e decretos subsequentes.

O problema começou a ganhar contornos a partir da publicação da MP 579, em setembro de 2012. Resumidamente, o documento continha regras para renovação das concessões do setor elétrico que estavam para vencer e prometia a redução da conta de energia para o consumidor.

A diminuição da tarifa de eletricidade de fato ocorreu, em boa parte, porém, "graças a artificialidades sem sustentação econômica ou de longo prazo", conforme aponta **Cláudio Sales**. Como consequência, o valor das ações de diversas empresas do setor elétrico despencou no mercado.

Paralelamente, como o consumo seguia aumentando mais do que as reservas do País, foi necessário acionar mais as usinas termelétricas, que produzem energia mais cara.

Logo as distribuidoras se viram descontratadas num volume importante de energia, e, com a não realização do esperado leilão A-1 no ano passado (que seria uma obrigação do governo), foram forçadas a comprar energia no mercado de curto prazo. Este, por sua vez, estava com os preços altíssimos, justamente devido ao uso acentuado da energia térmica.

O governo decidiu então dar a um encargo setorial, o CDE (Conta de Desenvolvimento Energético) a atribuição de suportar o caixa das distribuidoras - o dinheiro foi injetado pelo Tesouro Nacional.

O problema, explica **Sales**, é que as distribuidoras deverão cobrar dos cidadãos futuramente para 'devolver' o dinheiro ao fundo. "Daqui a cinco anos o consumidor vai ter que pagar uma conta que ele nem sabe do que é. Trata-se de uma espiral de artificialidades econômicas para poder fazer frente a um problema criado", critica.

Para o dirigente do **Instituto Acende Brasil**, a consequência desses fatos foi um terrível abalo na confiança que os investidores tinham no setor. Esse trauma, prossegue ele, ajuda a afugentar os investimentos ou os torna ainda mais caros. "Em 2013 assistimos a promulgação de uma sucessão de MPs e decretos para mitigar os efeitos negativos da MP 579, mas que no seu conjunto fizeram com que o setor elétrico brasileiro deixasse de ser economicamente sustentável", lamenta **Sales**.

Na opinião do executivo, 2014 será bastante complexo, possivelmente atrapalhado pela politização das discussões, devido à realização das eleições.

Para **Cláudio Sales**, por ser fundamental para o desenvolvimento de qualquer país, o setor elétrico precisa ser tratado com visão de estado, de longo prazo, e não

sofrer influências de cunho político-eleitoreira. "Vejo com muita apreensão os riscos a que estaremos expostos ao longo deste ano", revela.

Um dos desafios apontados pelo dirigente envolve a oferta e consumo de energia. Para Sales, o País tem problemas complexos nessa área que poderão sofrer agravamentos em 2014.

Quanto à construção das usinas e linhas de transmissão, por exemplo, ainda há uma grande insegurança em relação aos processos de licenciamento ambiental. E aqui não falamos somente do licenciamento, propriamente dito, mas também do receio de interferências como invasões de usinas e ações de vandalismo - obstáculos capazes de provocar atrasos significativos nas obras.

"Essas questões já vêm de algum tempo, e não sou otimista a ponto de achar que elas estarão resolvidas em 2014. É algo que ainda estará presente, com consequências difíceis de medir", aponta. Por fim, Cláudio Sales destaca que o Brasil continuará precisando contar com o funcionamento das usinas termelétricas. O dirigente faz questão de destacar a "bravura" das empresas do setor elétrico ao desenvolver o que ele chama de "espetacular capacidade de resistência", para fazer frente aos problemas citados. Entretanto, Sales faz um alerta: as companhias elétricas estariam "muito perto" de seu limite.